Brasil como maior exportador de carne bovina: a contribuição dos produtores de animais comerciais

Constantino Ajimasto Júnior[1]

[1] Diretor-Presidente da Associação Brasileira do Novilho Precoce, São Paulo, SP

Boa tarde a todos. Inicialmente agradeço a SBMA pelo convite para participar deste importante evento, no qual se discutirão as aplicações e implicações do melhoramento animal na qualidade dos produtos. Antes de falar sobre o meu tema, quero ressaltar que esta discussão é importante para a sociedade brasileira, porque a integração entre o ambiente acadêmico, que é o gerador da informação e da tecnologia, e o setor produtivo, que é o usuário deste conhecimento, trará conseqüências positivas para o desenvolvimento da pecuária de corte. Lembrando que o conhecimento só evolui quando os integrantes de um sistema ou cadeia de produção interagem, debatendo conjuntamente os problemas comuns.

Quero também agradecer ao presidente da SBMA, Dr. Mauricio Mello de Alencar, que nos honrou imensamente com este convite; ao Professor José Aurélio Garcia Bergman, coordenador deste painel, que entendeu a identificação da ABNP com o tema proposto, e em especial aos Professores Pedro Franklin Barbosa e José Bento Sterman Ferraz, aliados de todas as horas da Associação Brasileira do Novilho Precoce.

Brasil o grande exportador

O que impressiona na análise dos números do crescimento das exportações brasileiras de carne bovina, é a velocidade como isto se deu, quando em pouco mais de dez anos decuplicou seu volume de vendas externas. Saltamos de duzentas mil toneladas em 1998, para mais de dois milhões de toneladas em 2008. Segundo a ABIEC, hoje já atingimos 150 países, embora ainda estejamos fora dos Estados Unidos, Japão e Coréia, que significam bons preços e volume.

Como e quando?

Entender como e quando este processo se iniciou e qual o papel da pecuária comercial ou empresarial neste contexto, não é uma tarefa das mais fáceis. Certamente não houve um movimento brusco que repentinamente nos lançou pelo mundo, quebrando barreiras comerciais num passe de mágica. Mesmo porque, desde a rodada do Gatt no Uruguai, o Brasil peleja por acordos favoráveis para seus produtos, sem, contudo obter sucesso. O que temos é uma somatória de ocorrências que facilitaram a estratégia mercantil da indústria frigorífica brasileira, que soube aproveitar a oportunidade e ocupar espaços abandonados pela concorrência. O Brasil já vinha se preparando para assumir seu papel de grande fornecedor de alimentos para o mundo, coisa que teimamos em negar por décadas a fio, como se fosse uma maldição. Tínhamos uma excelente base de pesquisa, que

tropicalizou a tecnologia; um rebanho diversificado, que facilitou o cruzamento, com ganho inegável; além dos fatores instranferíveis: terra, sol e água.

Apesar da ausência de políticas públicas, a macro economia foi determinante para desencadear este processo, principalmente com o lançamento do plano real, que propiciou o controle da inflação e mudou a relação de ganho do pecuarista. Rompendo com o velho modelo patrimonialista, o produtor teve que transformar sua atividade em um "negócio".

Nesta tabela podemos compreender claramente o movimento ocorrido entre 1995 e 1996, quando o sucesso do plano real formou uma bolha de consumo, desequilibrando a oferta e a demanda de carne bovina, que vinham paralelas há alguns anos. Vemos que de 1996 a 1999 "comemos" literalmente, parte de nosso rebanho, que caiu de 149 milhões de cabeças para 143 milhões de cabeças de gado. O abate subiu de 28 milhões em 1994 para 31 milhões, no pico da bolha formada no inicio do plano. O consumo subiu de cinco milhões e meio de toneladas em 1994, para mais de seis milhões de toneladas em 1996. Neste mesmo ano de 1996, o mercado interno consumiu 99,95% da produção brasileira de carne bovina, época na qual tivemos que importar carne para equilibrar a oferta.

Grandes pecuaristas e investidores de outros segmentos enxergaram nisso uma ótima oportunidade de negócio e investiram em projetos de pecuária, com maturação média de quatro a cinco anos. Quando esta produção chegou ao mercado, entre 2000 e 2001, a bolha já tinha sido desfeita, sobrando produto para consumo interno. Como vemos na tabela, a oferta de bezerros passou de 33 milhões em 1997, para 41 milhões em 2001, e o rebanho já ultrapassava os 156 milhões de cabeças em 2002.

Graças a este erro de avaliação tivemos estoque suficiente para atender a pressão do mercado externo, que buscava produto em outras praças, para substituir os fornecedores tradicionais, como a Austrália, a Argentina, o Uruguai, os Estados Unidos, o Canadá, e países europeus, que se debatiam entre a aftosa, a BSE e a seca. Vemos a linha azul da produção se descolando da linha vermelha do consumo, logo após a implantação do plano econômico, e abaixo a linha escura, mostrando a ascensão das exportações, que vieram para "salvar" o pecuarista do excesso de oferta. Se toda esta carne ficasse no mercado interno, seria fácil imaginar para onde iria o preço da arroba do boi e as conseqüências que isto traria.

Como disse, todo este movimento foi feito graças a uma pecuária, que embora ainda carregue uma parte significativa de sua estrutura calcada no modelo antigo, onde se avolumam problemas derivados especialmente da pressão pela rentabilidade, está sendo construída em um sistema de larga escala produtiva, eficiente e muito flexível. Esses resultados são parcialmente decorrentes da adoção de práticas modernas de produção, com destaque para os programas de melhoria genética que, acompanhados da adequação do manejo dos rebanhos (suplementação alimentar) e das pastagens, permitiram ganhos de produtividade.

Quem?

Mas afinal quem faz esta nova pecuária? Quais as características que diferenciam o velho e o novo sistema exploratório? Qual deles assegura a viabilidade econômica da propriedade? Qual a influencia da nova agenda mundial nesta construção?

Para responder a estas questões, precisamos primeiro definir quem são os produtores de animais comerciais, que contribuíram para tornar o Brasil o maior exportador de carne bovina do mundo. Este perfil fica desenhado claramente na pirâmide elaborada pelo censo do IBGE de 1996, que identificou um total de dois milhões e setecentos mil pecuaristas, estratificados por tamanho de área e volume do rebanho.

Estes dados foram reafirmados no último censo de 2006, que ainda estão sendo consolidados. Vemos que na ponta desta pirâmide existem pouco mais de vinte e três mil produtores que detêm um quarto do rebanho bovino brasileiro. Na base desta pirâmide encontram-se mais de um milhão de produtores, com rebanho médio inferior a dez cabeças. (20 % deles dedicam-se exclusivamente a pecuária leiteira).

Mas vemos também dois segmentos que precisarão definir-se rapidamente, sob risco de desaparecimento. Logo abaixo da grande pecuária, existem cerca de duzentos e cinqüenta mil pecuaristas que criam uma média inferior a quinhentos animais por propriedade. Com a elevação dos custos de produção, que caracterizará a pecuária futura, a escala será importante para melhorar a rentabilidade e estes produtores podem ser alijados do mercado.

Mais próximos da base da pirâmide, encontramos um segmento com mais de novecentos mil pecuaristas, criando um rebanho inferior a cinqüenta cabeças por propriedade.

Isto explica a grande dificuldade encontrada para fazer avançar, em conjunto, esta pecuária, exatamente pela grande diferença de cultura, de objetivos, de capacitação técnica e financeira. Quando se pensa em rastreabilidade ou certificação da propriedade, vemos que apenas parte destes dois milhões e setecentos mil produtores tem condições de entender e executar estas demandas. Encontramos aí, na ponta desta pirâmide o nicho da pecuária empresarial, produtora de animais comerciais, que garante a liderança do Brasil no mercado internacional da carne.

Não seria absurdo afirmar que a moderna pecuária brasileira recomeçou há dez anos atrás, e por isso vivemos uma verdadeira esquizofrenia conceitual, criando programas que são compreensíveis para parte da cadeia e incompreensíveis para o restante. Como ponta deste iceberg, esta pecuária enfrenta isoladamente resistências ideológicas, contrarias ao uso de tecnologias, seja na questão da rastreabilidade, da certificação de procedimentos, dos organismos geneticamente modificados, e até da decisão de utilização do solo.

Ocupando hoje o primeiro lugar como exportador de carne bovina, embora seja o segundo país no ranking de produção, atrás apenas dos Estados Unidos, fica claro então que foi feito um grande esforço no sentido de atingir mercados fora de nossas fronteiras. Esforço que exige do produtor um profundo conhecimento de seu negócio, com intensa

demanda por respostas para questões como as levantadas pelo Professor Albino Lucchiari Filho, em uma apresentação na Bahia, quando elencou alguns dos obstáculos e dúvidas que assombram os integrantes desse setor, além da difícil decisão de determinar qual tipo de produto produzir, se commodities ou produtos de qualidade com maior valor agregado, além de muitas outras perguntas que necessitam ser respondidas como:

• O zebuíno produz carne de pior qualidade?

• É necessário utilizar cruzamentos?

• É necessário confinar?

• Acabamento a pasto diminui a qualidade?

• É necessário classificar ou tipificar a carcaça?

• Para ter qualidade a carne precisa ser marmorizada?

Não são respostas simples e fáceis, pois muitos aspectos precisam ser considerados e resolvidos em conjunto pela cadeia, principalmente pela indústria de transformação. Aliás, esta é uma questão complexa, principalmente quando o produtor opta por agregar valor e produzir produtos de qualidade. A pecuária e a indústria se modernizam, mas o modelo de comercialização permanece o mesmo, exatamente igual ao praticado no século passado, estressando a relação.

Apesar disso, integrando uma cadeia de produção indissociável, pecuarista e indústria andam lado a lado desde os primórdios, completando-se a cada passo. Foi assim na década de 40, quando os frigoríficos anglo americanos demandavam volume e a pecuária respondeu difundindo o zebu. Nas décadas de 60 e 70, a indústria se organizava com o Sistema de Inspeção Federal e a pecuária se expandia extensivamente rumo ao centro oeste, com o crescimento das branquiárias sobre as pastagens naturais. Nas décadas de 80 e 90, com o sistema nacional de classificação de carcaças e a padronização dos cortes brasileiros, a indústria se insere timidamente em mercados internacionais e a pecuária consolida-se no centro oeste, avançando para o norte do país, ampliando a fartura e o fornecimento. Finalmente em 2.000, com o "boom" das exportações, a indústria teve na pecuária comercial e empresarial o apoio necessário para "invadir" o mercado mundial.

O momento da pecuária de corte é hoje o eldorado sonhado por décadas, embora haja o componente da baixa oferta de animais prontos para o abate. Mas a nova realidade também passa pela habilitação de novos mercados, como a China, que inseriu o consumo capitalista em sua política socialista. Esta nova agenda mundial e o ressurgimento do mercado interno brasileiro impulsionam de forma direta as transformações, envolvendo todos os segmentos ligados à estrutura de produção. Passando pelos geradores de conhecimento científico, pela genética, pelo setor de oferta de insumos, pela capacitação dos pecuaristas e até do consumidor do produto final.

Contribuição

O importante desta mudança é conscientizar os integrantes da cadeia, da necessidade de refazer conceitos e objetivos. Precisa ficar clara a existência de um mercado final, de um consumidor, que cada vez se torna mais exigente, e organizar as relações entre estes elos.

Como o pecuarista contribui? Aumentando a oferta de animais, adotando um sistema produtivo que privilegia a precocidade de seu rebanho, efetuando corretamente os manejos reprodutivos, nutricionais e sanitários, atendendo os requisitos de bem estar animal, de responsabilidade social e respeito ao meio ambiente. Nisto está compreendido um bom sistema de gerenciamento, de controle de estoque, de garantia de origem através da rastreabilidade eletrônica, e de boas praticas agropecuárias.

Contribui também quando cuida da sua terra com tecnologia, fazendo a integração da lavoura com a pecuária. Contribui muito quando eleva o consumo de sêmen ou faz seleção criteriosa de seu rebanho, aumentando a produtividade e minimizando a sazonalidade. Contribui quando entrega um produto padronizado e quando se preocupa com o rendimento médio das carcaças de seus animais, embora este seja um item muito "brigado" com a indústria.

Demanda

A pecuária também tem suas demandas. A maior delas é um sistema mais justo de comercialização, feito de forma transparente, que classifique e tipifique o produto, valorizando o que é bom e penalizando o que é ruim. Todos estão preocupados, não sem razão, com a origem e a rastreabilidade, mas omite-se da discussão uma condição que a maioria dos produtos agropecuários já tem: a diferenciação de qualidade como fator de remuneração.

Demanda ainda políticas públicas de incentivo, não de subsídios, que possam garantir horizontes mais largos e compensadores aos investimentos. Com a integração das economias mundiais, temos que acompanhar as tendências regionais, submetendo o processo de produção aos requisitos e exigências de alguns setores, como por exemplo, o sistema globalgap dos supermercados europeus. Isto exige investimento em longo prazo, e só com políticas públicas podemos enfrentar estas necessidades.

Programa ABNP

Acredito que o programa nacional do novilho precoce, criado em 1974, tenha dado a base para este atual estágio da pecuária brasileira. Como é do conhecimento geral, na década de setenta, a idade média de abate de um bovino era de 6 anos. Na busca por qualidade, vários pecuaristas alinharam-se com o Sindicato Varejista de Carnes Frescas, com restaurantes de São Paulo e com empresas de exportação, transformando o Centro Brasileiro do Novilho Precoce em Associação.

Com apoio do Mapa e do Ministério da Fazenda, foram criadas normativas incentivando a adesão dos produtores, que recebiam uma bonificação resultante da redução do icms. Este projeto prosperou, cadastrando mais de dez mil propriedades no programa, em todo Brasil. Através da edição da Portaria 268 de 1995, o Mapa organizou a industrialização e distribuição da carne de novilho precoce, que só podia ser comercializada em cortes porcionados e embalada.

Avançando um pouco mais, o Mapa, através da Portaria 269 de 1995, pensou também em organizar o sistema produtivo do novilho precoce e, juntamente com a ABNP promoveu o cadastramento das propriedades, que receberam assistência técnica para aplicar as boas práticas agropecuárias.

Hoje, com o fim dos incentivos fiscais, o programa fixou-se na regulamentação adequada, com a confecção de normas técnicas no âmbito da ABNT, para definição do que é novilho precoce, através da norma NBR 15477, de classificação de carcaças. Trabalhamos agora na confecção da norma de produção, através da aplicação das boas práticas agropecuárias. A intenção maior, nesta normalização, é dotar a pecuária de um sistema de certificação, usando o cenário da ISO, para obter reconhecimento internacional, facilitando a quebra de barreiras comerciais.

As restrições impostas por alguns compradores internacionais, quanto a eficiência do sistema de rastreabilidade brasileiro, provocou a decisão de identificar eletronicamente os animais inscritos no programa, utilizando bolus intra-ruminal e um software desenvolvido pela empresa espanhola Inkoa, especialmente para este projeto. Foram "chipados" este ano cerca de sessenta mil animais, nos estados de São Paulo, Goiás, Pará e Maranhão.

O chip eletrônico não é um luxo. Quando se trata da rastreabilidade de um produto ou da certificação de origem controlada, a credibilidade é fundamental, e este sistema tem confiabilidade cem por cento, eliminando possibilidades de erro. Isto ajuda na organização das informações da cadeia da carne bovina, reduzindo perdas no confronto com as cadeias de carne de aves e suínos. O pacote tecnológico facilita a convivência com a bio-energia, com reflexos na ocupação do solo, aumentando a população por hectare, racionalizando o tamanho do rebanho.

Atuar também na outra ponta da cadeia, agindo junto ao mercado final é uma função bem compreendida pela ABNP, seja através de pesquisas de mercado ou em convênios com redes de supermercados, atestando a procedência e garantindo ao consumidor que ele não está comendo "gato por lebre". Nosso principal evento de marketing é a feira "Show da Carne", dedicada exclusivamente ao consumidor final da carne bovina, informando e capacitando este consumidor para que ele possa consumir corretamente o produto.

Treinar e capacitar são objetivos fundamentais para inclusão profissional e, dependendo do contexto, adquirem caráter nobre e humanitário. Esta preocupação iniciou-se em 2003, quando a ABNP realizou o primeiro seminário nacional da carne com qualidade, que percorreu vários estados brasileiros e visitou as principais regiões

produtoras. Este trabalho continua ainda hoje, quando levamos as boas práticas agropecuárias às mais longínquas regiões ou quando formamos classificadores de carcaças bovinas, em cursos periódicos ao longo do ano.

Esta contribuição da ABNP, assim como de outras entidades desta cadeia de carne, ainda não conseguiu resolver todos os problemas que ainda afligem nossa pecuária. Como vimos naquela pirâmide, temos várias pecuárias no Brasil, e isto dificulta a solução de algumas questões, como a erradicação da febre aftosa, por exemplo.

Evento como este promovido pela SBMA assume neste momento importância estratégica muito grande, porque provoca a discussão correta dos fatos, clareando o caminho a ser percorrido, que não é fácil. Com a concentração e internacionalização da indústria frigorífica brasileira, que passa a ser a maior do mundo, precisamos encontrar uma equivalência para o pecuarista, que poderá ser esmagado por este gigantismo.

Como será a pecuária dos próximos vinte anos e como se dará o relacionamento com a indústria, são as questões mais difíceis de responder no momento, mas temos que estar preparados para os novos tempos.